

Rede solidária de pesquisa busca reduzir caos entre governantes

Grupo de quase 60 voluntários oferece dados e análises para enfrentar a covid-19

Por **Marli Olmos** — De São Paulo

15/05/2020 05h01 · Atualizado há 7 horas



Arbix: “Única forma de evitar uma tragédia está nas mãos do Estado, com políticas voltadas aos mais vulneráveis” — Foto: Luis Uehirohira/Valor

O enfrentamento da covid-19 no Brasil tem sido marcado pela confusão. Da falta de coordenação entre governos federal e estaduais ao caos no sistema de saúde, o país tem se destacado pela desordem na luta contra uma emergência sanitária. Um grupo de pesquisadores decidiu remar contra essa maré e, voluntariamente, oferecer dados científicos, indicar gargalos e buscar caminhos que possam ajudar gestores na elaboração de políticas públicas durante a pandemia.

A chamada rede de pesquisa solidária começou a divulgar resultados há pouco mais de um mês por meio de boletins semanais. O grupo, cujo trabalho é custeado por doadores privados, envolve especialistas nas áreas de humanas, exatas e biológicas. Começou com 40 pesquisadores e já soma quase 60.

A maioria é ligada à Universidade de São Paulo, mas envolve, também, profissionais da Fundação Getulio Vargas e do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebap). O grupo conta, ainda, com intercâmbio de informações com as universidades de Oxford e Chicago, o que tem facilitado nas comparações dos impactos da pandemia com outras regiões do mundo.

Essa fusão de conhecimento e técnicas para elaborar indicadores têm guiado a investigação em várias frentes, como mercado de trabalho, identificação dos que trabalham em setores mais vulneráveis, proteção social, consequências dos diferentes níveis de distanciamento social e efeitos da pandemia em comunidades carentes. Novos projetos estão a caminho e envolverão empresas e atendimento à saúde.

Em relação ao distanciamento social, que tanto tem dividido opiniões no meio político, os pesquisadores elaboraram um minucioso trabalho de comparações com diversas regiões do mundo e montaram tabelas que mostram que quanto mais rígidas forem as regras de isolamento mais chances o país tem de sair da pandemia sem traumas.

Em outro dos levantamentos já divulgados, a rede de pesquisa solidária identificou que 81% da força de trabalho no país - o equivalente a 75,5 milhões de pessoas - experimentam algum tipo de vulnerabilidade em razão dos efeitos da pandemia. Os mais vulneráveis somam 23,8 milhões de pessoas. A crise, segundo os

“Identificamos categorias novas, de pessoas extremamente vulneráveis, que foram demitidas, mas não alcançaram o prazo para pedir seguro-desemprego”, afirma o professor Glauco Arbix, da Sociologia da USP e um dos coordenadores da pesquisa. Ele lembra que, ao mesmo tempo em que criou programas sociais para enfrentar a pandemia, o governo modificou outros já existentes. “Temos trabalhado para saber o que efetivamente está chegando e se está melhorando a vida das pessoas”, destaca Arbix, ex-presidente do Ipea.

Em relação ao auxílio emergencial, o grupo expôs diversos problemas, entre os quais, limitar o benefício a dois por domicílio. Boletim da equipe da pesquisa solidária indica que essa limitação deixa de fora 6,1 milhões de potenciais beneficiários.

Além disso, para os pesquisadores a opção de usar um aplicativo para recebimento do auxílio emergencial castigou grande parte da população num país onde 20,2% dos domicílios não têm qualquer acesso à internet e 23,4% não têm ensino médio completo. Em alguns Estados, como Maranhão e Pará, mais de 30% dos domicílios não têm acesso à internet.

Arbix diz entender os “dilemas” de uma equipe econômica “que foi eleita para implementar o controle fiscal e para privatizar; mas que, de repente, colocam em seu colo a responsabilidade de fazer a economia sobreviver com tudo aquilo que não era para fazer”.

Segundo ele, porém, “a única forma de evitar uma tragédia está nas mãos do Estado, por meio de políticas voltadas aos mais vulneráveis”. Ele prevê, por outro lado, que a crise agravará os problemas de desigualdade no país.

O trabalho dos pesquisadores se depara com a confusão criada pela falta de coordenação na forma de enfrentar a pandemia. “O Brasil está no pior dos mundos por falta de articulação não apenas entre governo federal e estaduais como entre os próprios governadores”, diz.

A ideia dos pesquisadores é oferecer a gestores públicos, congressistas, empresários e outros interessados da sociedade dados atualizados num país afetado por ondas de “fake news” e carente de material de qualidade.

Mas essa carência de dados transforma o trabalho dos pesquisadores numa espécie de garimpo. “Há burocracia por toda a parte”, afirma Arbix. É difícil, diz ele, fazer pesquisa num “país com roda presa, que não sabe agir quando a situação é emergencial”.

O trabalho não é fácil. Mas pesquisadores, em geral, são pessoas perseverantes. “Se ajudarmos a salvar uma única vida, já valeu o esforço”, afirma Arbix.

Conteúdo Publicitário

Links patrocinados por **taboola**

LINK PATROCINADO

Cardiologista do Brasil: Pare de comer esses 3 alimentos imediatamente
VITAL 4K

LINK PATROCINADO

Dores nas articulações? Faça isso 2x ao dia e acabe com elas.
EXTRATO VMD³

LINK PATROCINADO

O jogo mais viciante do ano!
FORGE OF EMPIRES - JOGO ONLINE GRÁTIS

LINK PATROCINADO

Cientista: novo composto auxilia nas rugas e marcas de expressão
SKINCAPS

LINK PATROCINADO

Botox é passado! Isto vai melhorar aspecto de rugas na pele. Confira!
FITOFEME PRO